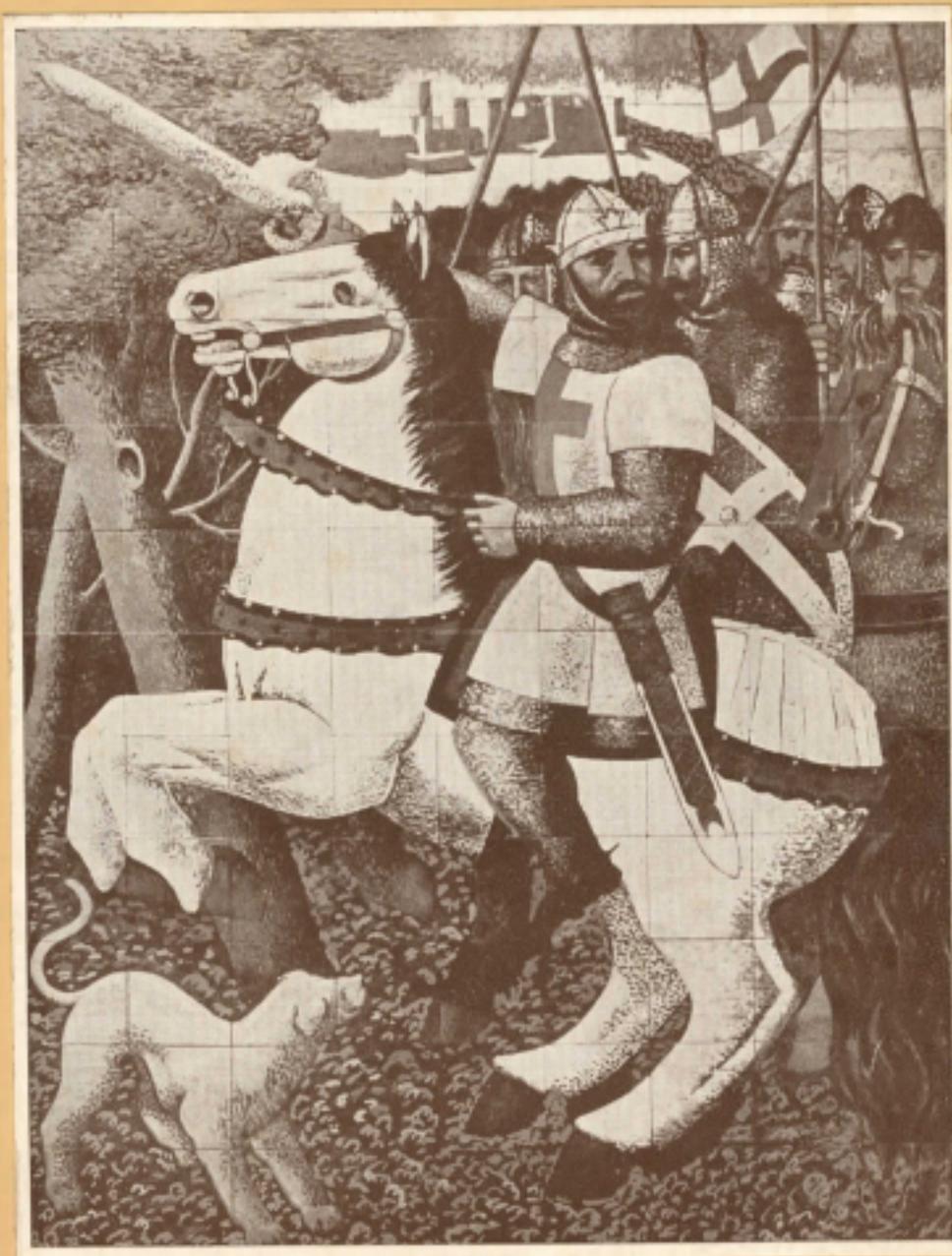


a arquitectura portuguesa



cerâmica e edificação reunidas

a arquitectura portuguesa

E CERÂMICA E EDIFICAÇÃO (REUNIDAS)

REVISTA MENSAL / TÉCNICA E ARTÍSTICA

ANO XLII

OUTUBRO - NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1949

N.º 157-3.ª SÉRIE

DIRECTOR-JÚLIO MARTINS / EDITOR-JOSÉ MARIA CORREIA VICTORINO / CHEFE DE REDACÇÃO-ALICE ISABEL CORREIA DE SA

SUMÁRIO

Uma casa no Estoril	Arq. ^{tos} José Bastos e Conceição Silva
Artes Gráficas	F. George; A. da Rocha; J. Vieira
Pintura	Sá Nogueira
Cerâmica	Mário Soares; Júlio Pomar; Lima Monteiro; A. da Rocha
Poesia	Américo Durão
Um conto	Romeu Correia
Escultura	Euclides Vaz; Jorge Vieira; António da Rocha
Esboço de um clube recreativo	Arq. ^{tos} Cabeça Padrão e Nuno Beirão
A igreja de Assy-Passy	A arte moderna em França

Na capa: painel de azulejos, por Mário Soares

Visado pela Comissão de Censura

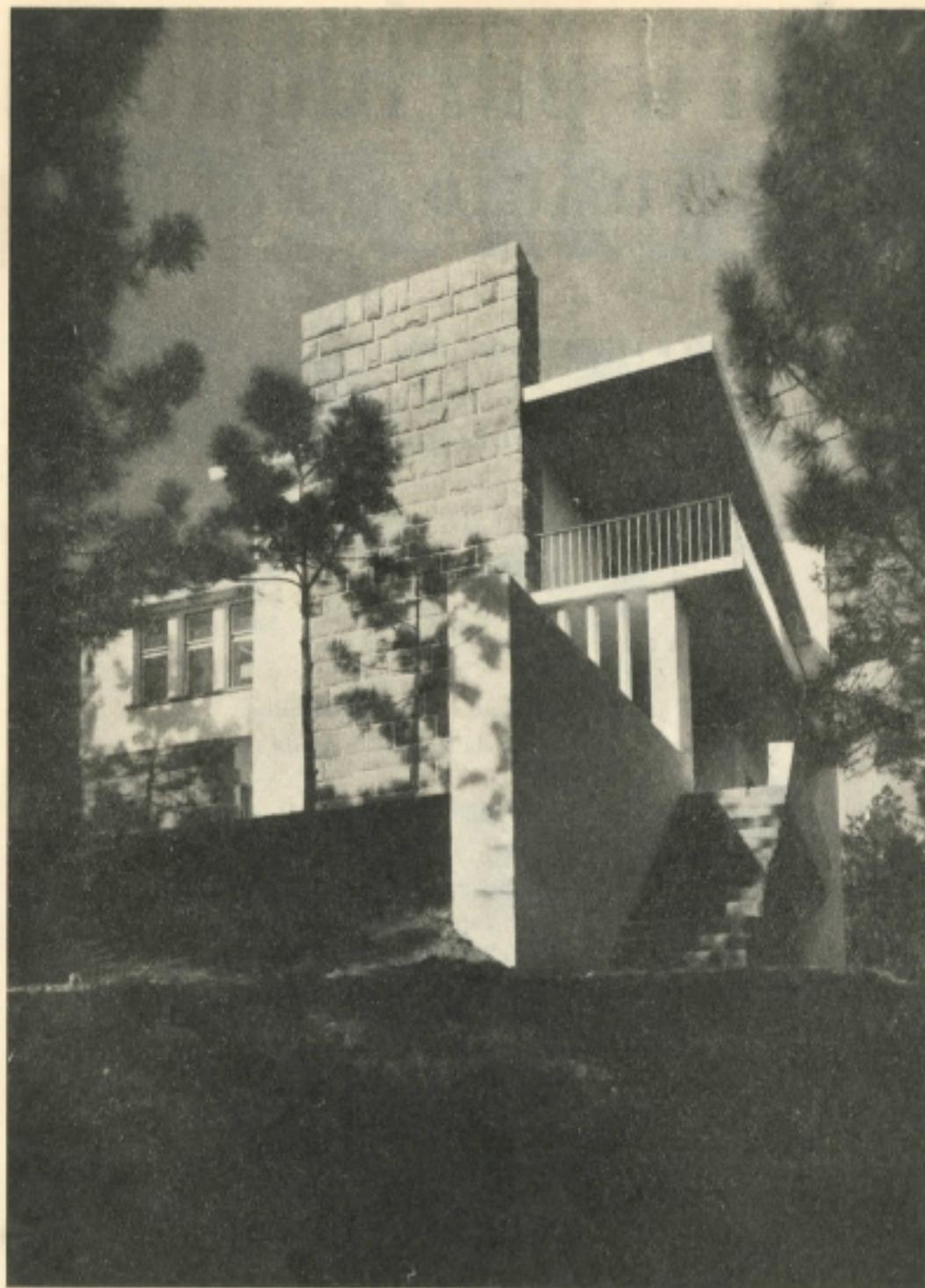
Preço avulso deste número: 10\$00

Número avulso: Esc. 5\$00. Assinaturas: Continente e ilhas, semestre Esc. 30\$00, ano Esc. 55\$00. Colónias: ano Esc. 60\$00. Estrangeiro: ano 60\$00 (pagamento adiantado) / Propriedade da Soc. Editora «Frace», Lda. / Redacção e administração: R. do Arco do Cego, 88-C / Lisboa-Portugal / Tel. 72147

Acabado de imprimir em Dezembro de 1949 na Sociedade Industrial de Tipografia, Limitada / Rua Almirante Pessanha, 3 e 5 (ao Carmo) / Lisboa

Uma casa no Estoril

Arq.^{tos} José Bastos e Conceição Silva



Fachada sul

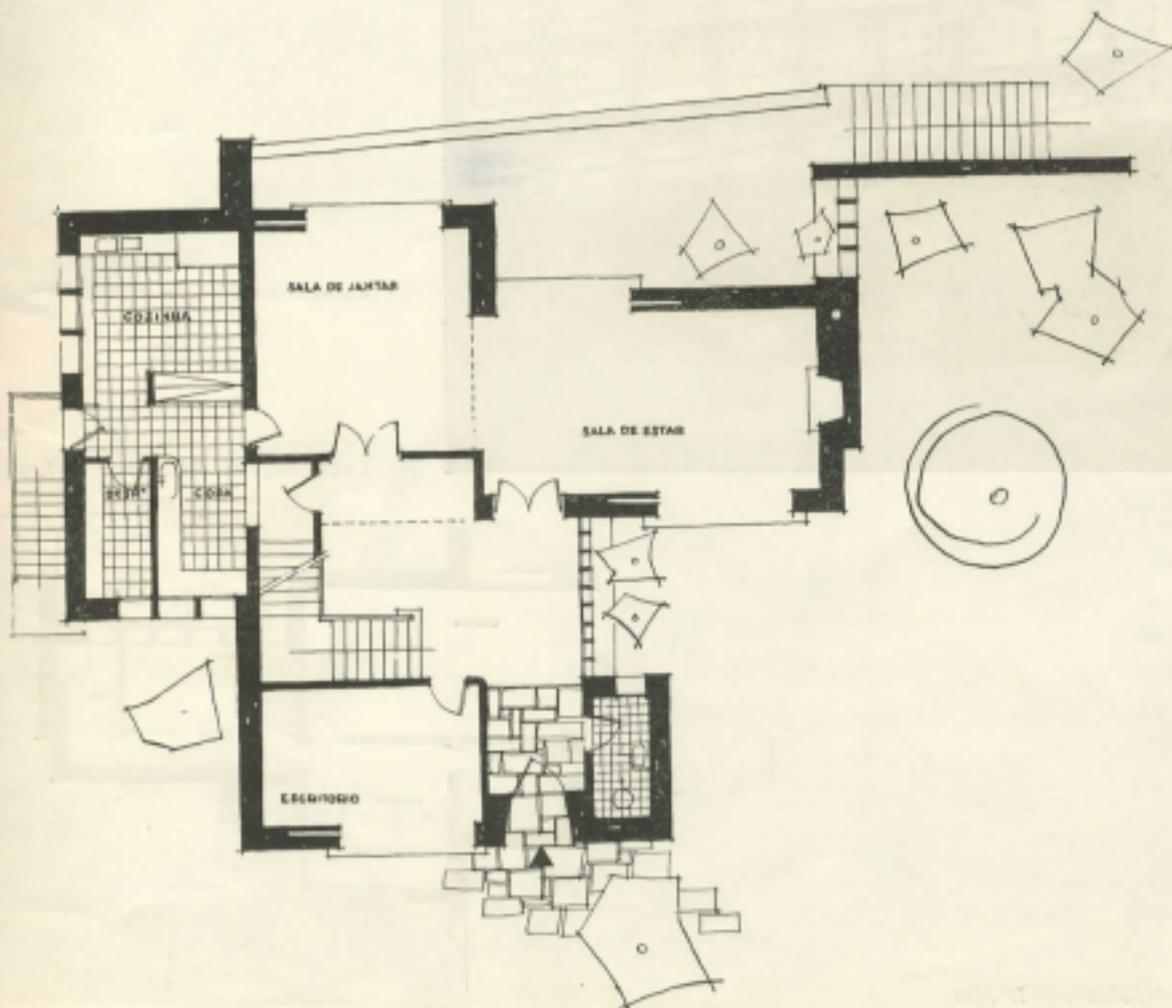
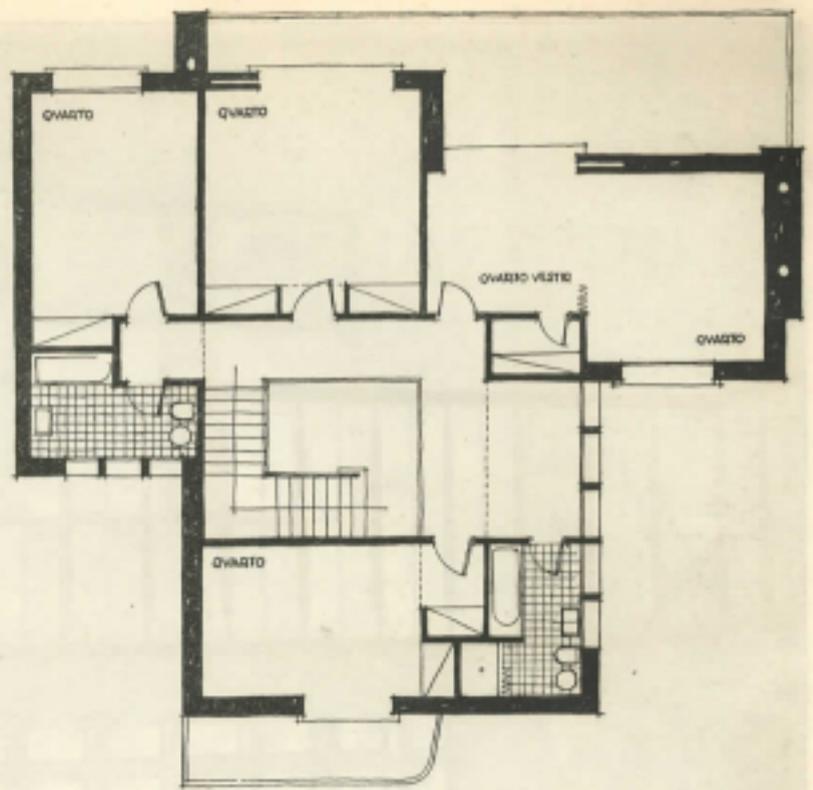
O terreno que se destinou à construção desta moradia reunia um conjunto de condições excepcionais. A grande arborização existente, uma bela vista panorâmica e a acentuada inclinação expondo-a a nascente são factores que teriam de influir e ser considerados na concepção da casa que se projectou.

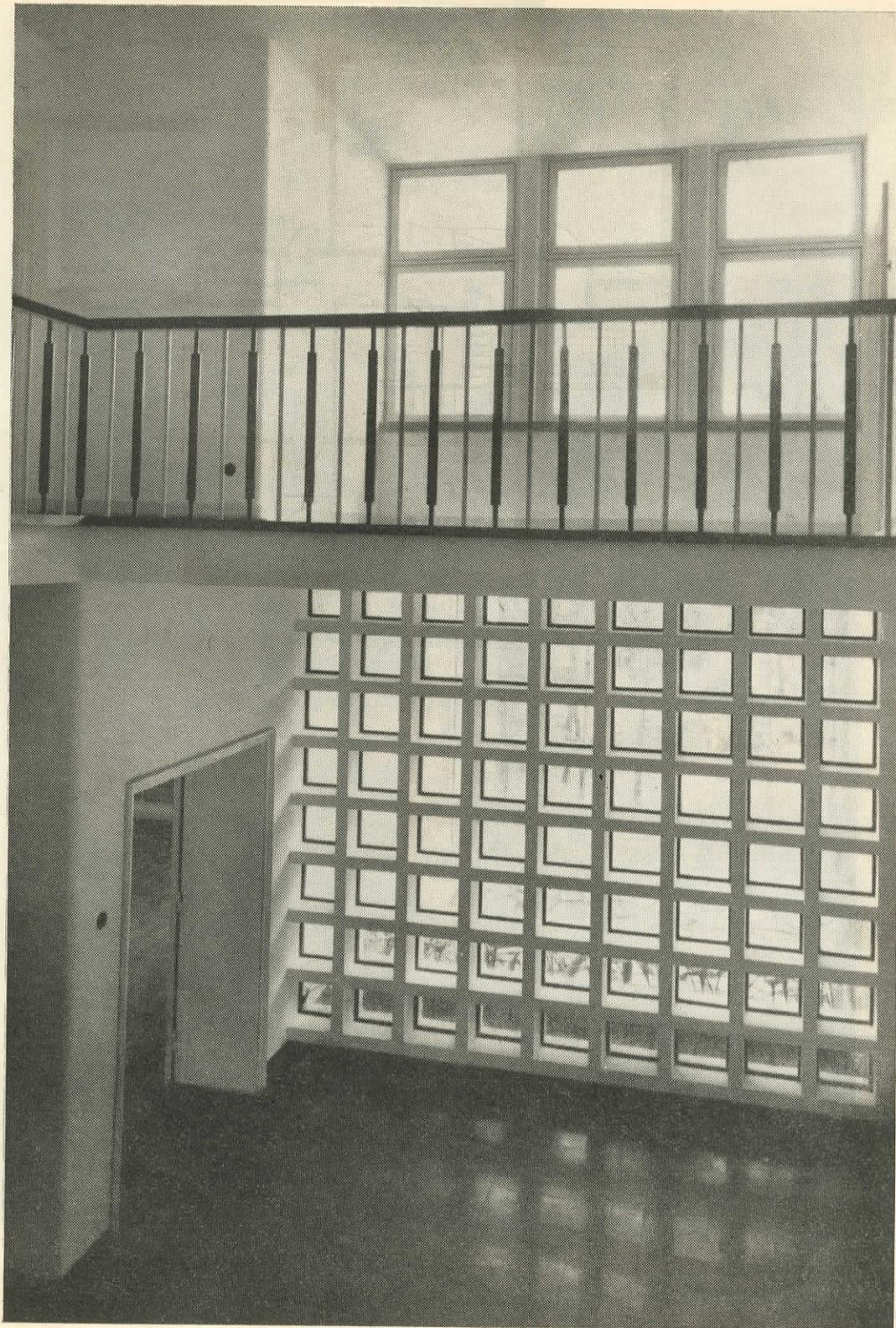
A casa integra-se perfeitamente no terreno, formando com ele um conjunto e permitindo um permanente contacto entre interior e exterior. A zona de estar localizada no 2.º piso abre-se a nascente

para uma grande varanda directamente ligada com o jardim. O desafogo com que foi projectada corresponde inteiramente à importância que numa casa deve ter esta zona.

No piso superior distribuem-se os quartos de cama igualmente abertos para um grande terraço exposto a nascente e a um maravilhoso panorama.

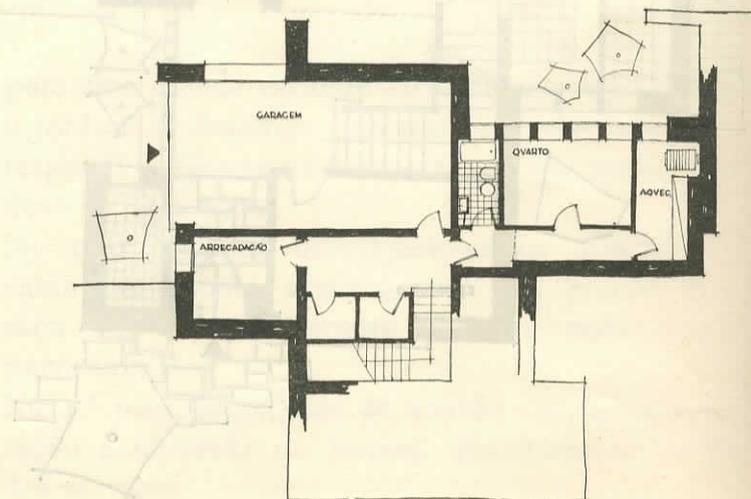
No 1.º piso, projectado de acordo com a configuração acidentada do terreno distribuem-se partes dos serviços.





Na página da direita:
Fachada poente – sul e fachada norte

Fotografias de Bivar Salgado



Em cima: interior-vestibulo | ao lado: planta do 1.º piso



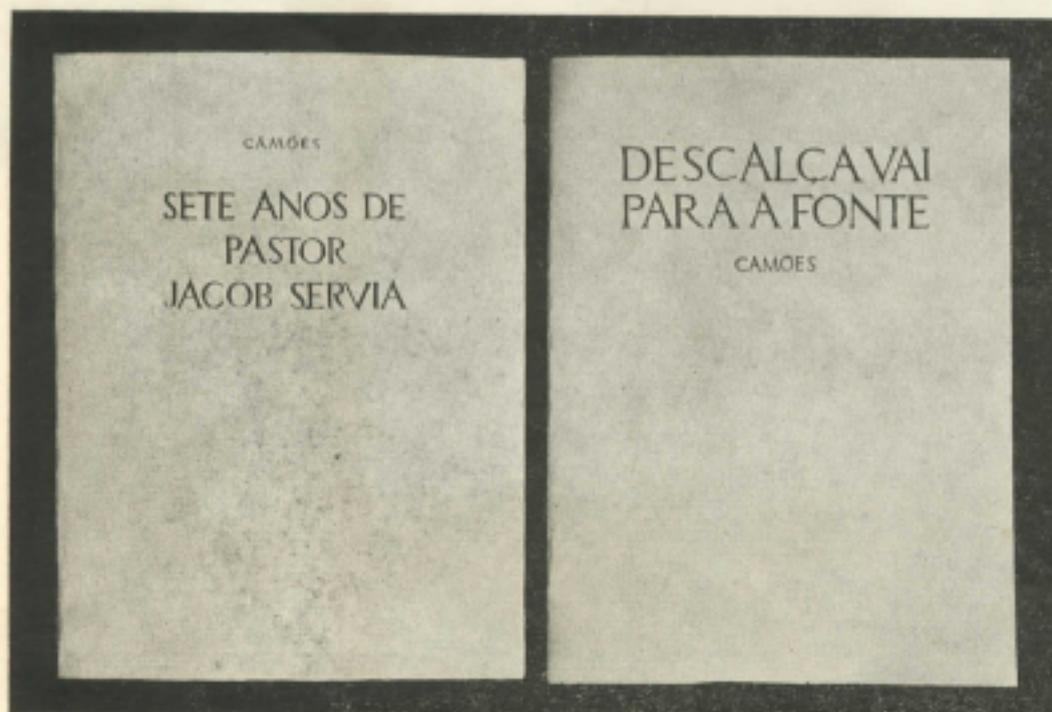


SONETO

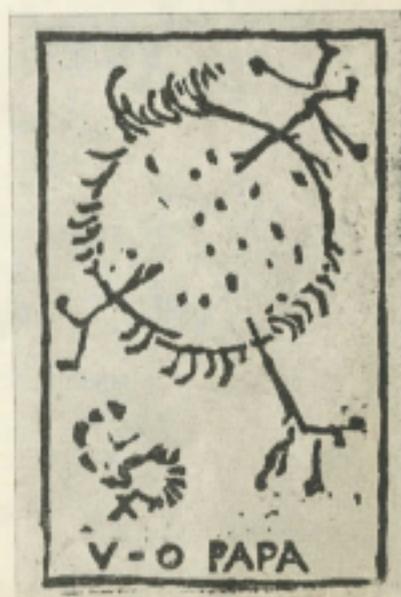
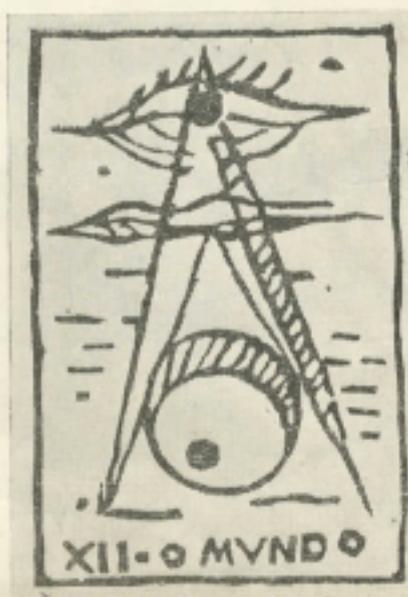
Sete anos de pastor Jacob servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 Mas não servia ao pai, servia a ela,
 Que a ela só por prêmio pretendia.
 Os dias, na esperança de um só dia,
 Passava, contentando-se com vãs;
 Porém o pai, usando de cautela,
 Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.
 Vendo o triste pastor que com enganos
 Assim lhe era negada a sua pastora
 Como se a não tivera merecida,
 Começou a servir outros sete anos,
 Dizendo: Mais servira, se não fôra
 Para tão longo amor tão curta a vida!

Arranjo gráfico e litografia de Frederico George para um soneto de Camões

Artes gráficas



Frederico George e A. da Rocha
 Capas de duas plaquettes





Desenho



Retrato



Fotografias de António Sena

RARO é encontrar um pintor em que se aliem as realidades pictóricas com as necessidades poéticas. O caminho a que, por força, será fatalmente atirado Sá Nogueira, encontra-se numa posição poética determinante da sua pintura, não sendo, portanto, estranhas as afinidades com os pintores que, dentro duma época tendenciosamente materialista, se mantêm inalterável e estruc-

turalmente poetas, fenómeno constante em toda a pintura.

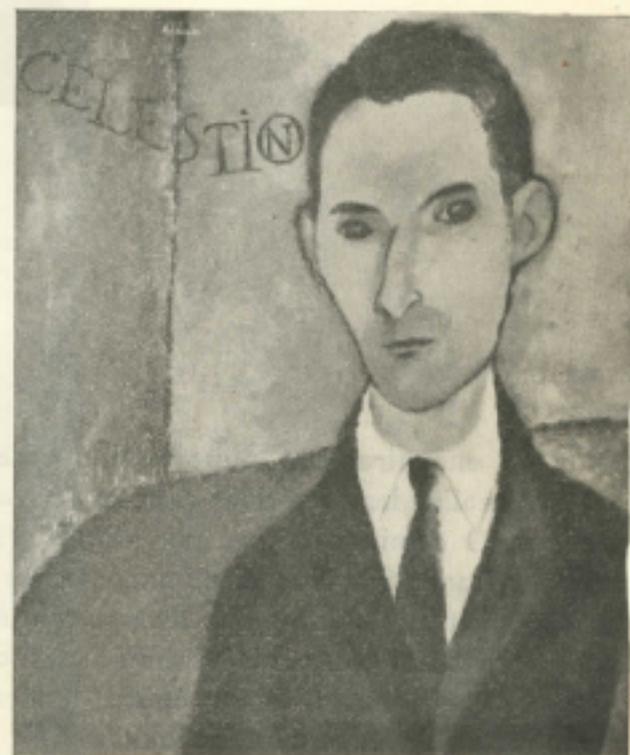
Da condição étnica de Sá Nogueira e do seu Europeísmo, isto é, desta conjunção, surgiu um pintor de características afins à época gloriosa da escola de Paris, quando os pintores procuravam, não no Louvre mas no Museu do Trocadero, os seus maiores. Assim, uma simplificação plástica, conseguida atra-



Retrato do arq.^o João Abel

Fotografias de A. Silveira

Retrato do pintor Celestino Alves



vez de processos tão refinados como os dos pintores do Renascimento, constitue o ideal consciente de Sá Nogueira. A riqueza emocional na pintura de Sá Nogueira, conseguida pela simplicidade dos grandes planos, pureza de composição e ausência de truques, mais ou menos estafados, de que os seus retratos são evidente testemunho, é a exteriorização plástica de um raro pintor.

SALMO

SURTIU mais uma estrela sobre o mundo.
Poisou nos céus e límpida, infantil,
Apenas balbucia:
— Vai nascer o Menino! Vai nascer o Menino!...

Há não sei quê de eterno e de profundo
No largo céu de anil
Mal o Anjo anuncia:
— Deus te salve, Donzela,
Maria sempre virgem
Senhora do Destino!

Ermos pastores tocam flauta ao longe.

Abrem-se ao longe os céus num rútilo clarão.
E a estrelinha tremula e balbucia:
— Vai nascer o Menino!...

A noite lembra o hábito de um monge,
A estrela um coração!

No silêncio do mundo só o Anjo anuncia:

— Deus ungiu-te, Donzela,
Maria sempre Virgem,
Senhora do Destino!

Ouviu-se ao longe o canto dos pastores
E o cândido balido de uma ovelha...

Já és rosa, Maria,
A Flor entre as flores!

No silêncio da noite uma Mulher — só Ela chora!
Leva ao colo um Menino
De bracinhos abertos para a Cruz...
É a Mãe! Presente a hora ainda distante
Do calvário e da morte de Jesus.

Por todos os séculos dos séculos
És rosa e assucena,
Unes a Terra aos Céus!

Roga por nós os pecadores,
Maria imaculada:

- Filha do homem,
- Esposa e irmã do homem,
- Mãe de Deus!

1949

AMÉRICO DURÃO





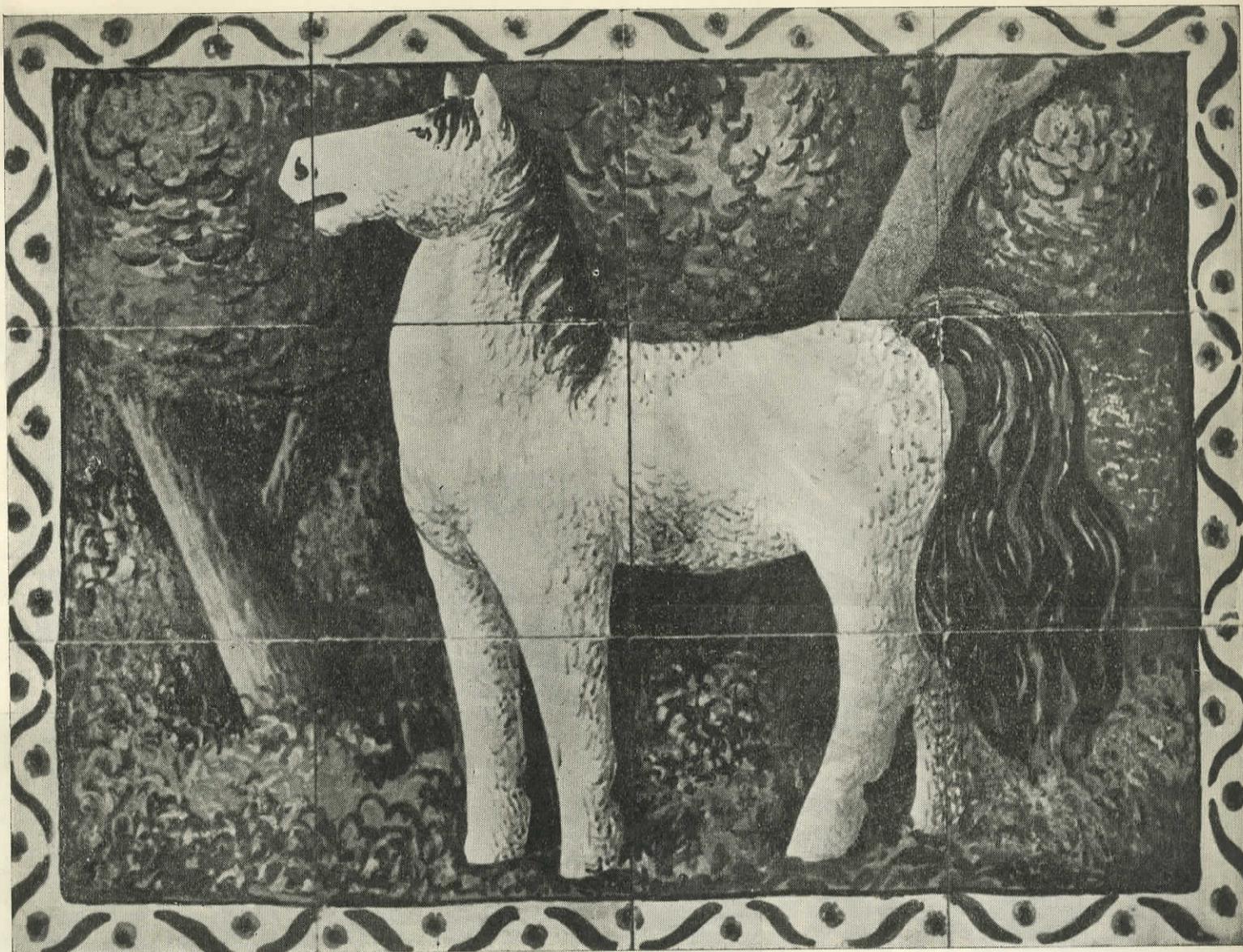


À esquerda: Prato — Em baixo: painel de azulejos: D. Afonso Henriques
Trabalhos executados na Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânia

Mário Soares



Na página da esquerda: Pote de faiança — séc. XVII
Pertence ao Museu Nacional de Arte Antiga



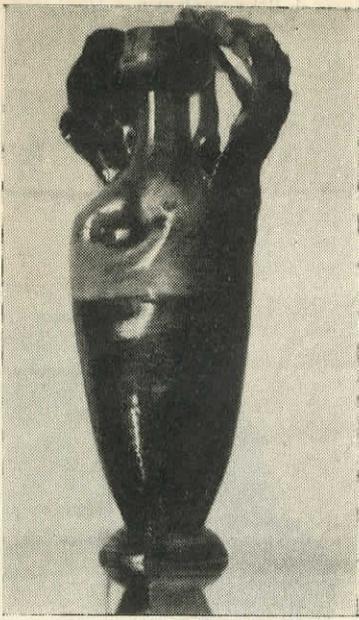
Painel de azulejos – O cavalo branco

Mário Soares

Azulejo avulso

Prato



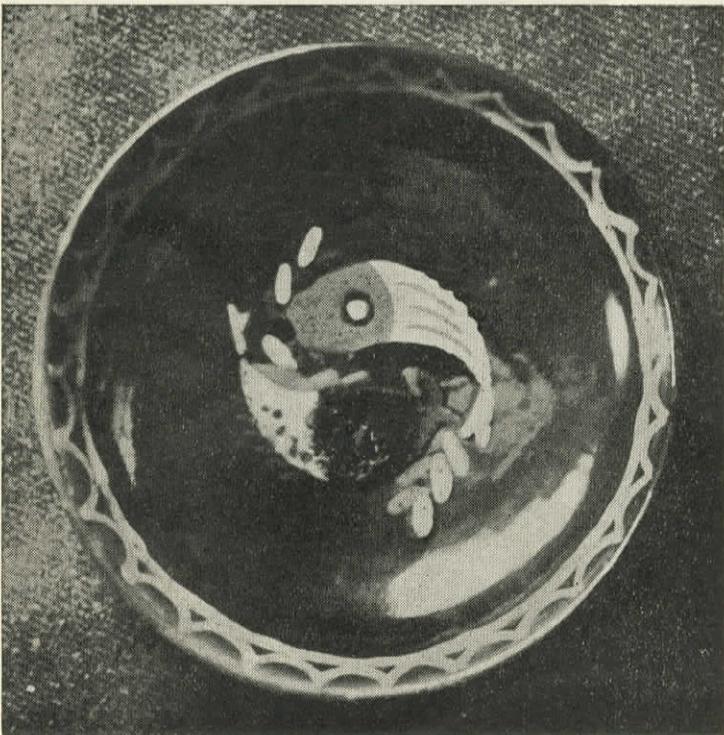


Júlio Pomar : jarros e prato

António da Rocha

Mário Soares : centauro

Lima Monteiro : prato



Na página da direita: retrato da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria A. Roquett Orey por Albel Manta



Antônio da Rocha

A esquerda: desenho para um baixo-relevo em cerâmica—em baixo: o cavalo





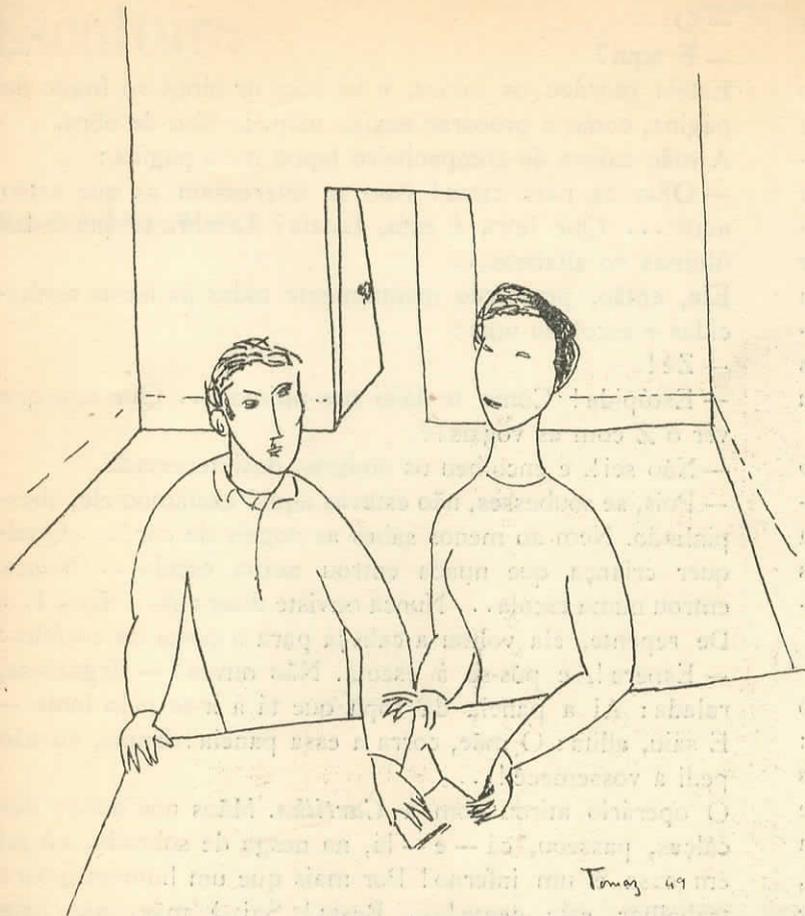


Prato em faiança de Júlio Pomar

Um passo em frente

Conto de Romeu Correia

Desenho de Tomaz



ABEL puxou o cordel do trinco e com o ombro empurrou a porta. A madeira emperrou no chão de betumilha, riscando-o com os detritos que emporcalhavam o patamar. — Que seita! Se os caço um dia...

O rapazio da rua tinha especial predilecção por aquela escada; amassadelas de areia, enghocas de arame e lata partidelas de pinhões — tudo, como um arsenal. Era já velha pecha, herdada de púrria para púrria, velho hábito com raízes de escalracho. Também êle, agora homem de trinta anos, não tivera a infância livre de iguais chiqueiros... A larga porta chapeada de remendos, os degraus gastos, as paredes esburacadas e cinzentas de riscos, tinham-no como cúmplice. Sim, mas isso não impedia que, decorrido tanto tempo, se indignasse contra a promiscuidade em que chafurdavam os fedelhos da vizinhança.

— Porcos! Um dia levam-me tamanha ripada!... Vinha de um dia de trabalho — oito horas na oficina agarrado a uma lima, besuntado de óleo, as goelas grossas da fumarada da forja.

— Rrr... tup!, cuspiu fóra. Lancheira na mão, foi trepando a escada. De degrau em degrau, ruminou na tarefa, no dever que o tomava há dias. «Não passa de hoje!», murmurou entre dentes. «Se estou à espera que as coisas se resolvam por si estou servido!...».

Poisou a lancheira sobre o guarda-loiça. Topou os dois filhos amesendados na casa-de-fóra, a fazer diabruras ao gato. O bichano soltava apelos dolorosos e as crianças, mal enxergaram o pai, ruborizaram-se.

— Saiam daí! Ai, os meninos! — E gritou pela companheira: — Estela, Ó Estela!

Foi a sogra que lhe apareceu, de perna entrapada, rosto tristonho, mãos ensopadas de sabão.

— A Estela tá na varanda a estender roupa! Nada o irritava mais do que vê-la atarefada, ao chegar a casa: «Que mulher! Que vício de limpezas! Isto um dia leva uma volta!».

— Estela! Não me ouves chamar!?

Enfiou para a cozinha: nada estava no seu lugar! Uma celha de água sobre um mocho; pelo sobrado fraldas, lenços, camisas, lençóis — um nunca acabar de trapos. Sentiu ganas de romper aos pontapés. Mas conteve-se. «Ó senhores, e logo quando eu chego é que ela se atira a estas lidas!».

— Não me ouviste chamar!?

Na varanda, ela voltou-se, braços atestados de panos a pingar, na boca um depósito de alfinetes de pau:

Ói?, tartamudeou, sem um momento de seu.

Abel mexeu a cabeça, toou os pés no sobrado, irritado: — Ó senhores, está para vir a primeira vez que eu chegue a casa e te encontre sossegada. Livra! — E, receando perder a estribeira, simulou assento de nervos: — Que te disse eu hoje de manhã!? Foi o mesmo que estar calado!

Ela compreendeu a razão, e encharcou-se de desculpas. — Sim, não julgasse ele que se esquecera. Mas a sua vida era tão presa, tão presa... Toda a manhã no mercado... Só às três horas da tarde mastigara o almoço. Depois, o Filipe na escola — sempre uma preocupação; o filho mais novo a pôr a pateta da avó num alvoroço. Um inferno!

— Arranja-te como puderes!, interrompeu Abel. Hoje começamos a lição, ouviste? Diz à tua mãe que te deite mão à

roupa. Vem ter comigo ao quarto. — Rodou os calcanhares e passou à dependência contígua.

Era um quarto pequeno: sobrado remendado, um tecto baixinho que parecia esmagá-los como uma prensa. De mobília, somente três peças: uma cama de casal, um lavatório de aranha e uma mesa — com respectivo tinteiro e pilha de livros. *Que dinheirão o Abel gasta nesta papelada!*, censurava a sogra. *Gasta nesta porcaria o que tanto arranjo faria ao governo da casa!* O genro sabia-a a serranizar pelas costas, mas não lhe dava ouvidos. «Pobre velha tonta, pobre criatura ignorante! Que poderás conhecer da vida, tu que sempre foste uma escrava do teu homem!».

Era preciso acabar com a peste. As mulheres viviam *no mais crasso obscurantismo* — uma frase apanhada ao Albano, que tão bem lhe caíra no agrado. Não passaria daquele dia: — hoje, amanhã, depois, era a velha teoria dos falhados, dos que passavam por este mundo preguiçosamente. — Será agora — e será mesmo. Gritou:

— Estela! Quando te dignas aparecer!?

Um *já vou* mastigado veio da varanda. E ele foi entrando para o quarto. Puxou uma gaveta e retirou dela um livrito: *Cartilha Maternal*, por João de Deus. Folheou-o com os dedos calosos. As páginas estavam sebosas, borradas de bonecada de estampar. «Ora isto serve muito bem! Assim ela queira aprender!...». Meia hora por dia de atenção, todas as tardes, durante três meses, é mais que suficiente para ela se desemburrar. Em sessenta dias pusera o Albano a dele a soletrar... Mas o Albano era o Albano... Que feitio de mulher! Quando estava agarrada à celha ou à chaminé — era deixá-la!...

Berrou:

— Ó Estela, queres que te vá buscar por um braço!?

Desta vez, nem um monossílabo escutado como resposta. Era de mais! Atirou com *Cartilha* para o tampo da mesa e avançou para a cozinha:

Mas já ela vinha ao seu encontro, a enxugar no avental as mãos ensopadas de água de sabão:

— Que pressa é essa!?

— Eu não te disse que viesses logo!?

— Tenho tanta roupa ainda por passar..., fez ela, tomada de atazeres.

— Bem, mas agora ficas aqui meia hora comigo. — Foi à cozinha buscar dois mochos, fechou a porta do quarto, e pediu: — Tu prometes estar com a máxima atenção? Olha que isto não custa nada!... Tu, de resto, já conheces algumas letras... — E acrescentou, com entusiasmo:

— Uma mulher analfabeta é uma desgraça! Uma autêntica vergonha nos tempos que correm! É preciso que todos nos juntemos para debelar tamanha chaga social! — E mais uma vez lhe saiu a frase do Albano: — «Esse crasso obscurantismo!...».

Sentaram-se nos bancos, junto à mesa. Ela entrara num mutismo obediente. Ele foi folheando o livro, hesitando sobre a lição. Por fim:

— Bem, como já conheces algumas letras, comecemos, aqui, nas vogais... — E indicou as cinco letras ao alto da página: — Cá estão elas... São cinco: A... E... Vá, diz... Como se chama esta? E a que tem um pontinho em cima...

— I..., fez ela, enervada.

— E esta?

— O...

— E aqui?

Estela mordeu os lábios, e foi com os olhos ao fundo da página, como a procurar auxílio naquele bico de obra.

A mão calosa do companheiro tapou meia página:

— Olha cá para cima! Não te interessam as que estão aqui!... Que letra é esta, Estela? Lembra-te que é das últimas do alfabeto...

Ela, então, percorreu mentalmente todas as letras conhecidas e escolheu uma:

— Zê!

— Estúpida! Como te falei nas últimas... Que tem que ver o Z com as vogais!?

— Não sei!, e encolheu os ombros, desinteressada.

— Pois, se soubesses, não estavas aqui! exclamou ele, abespinhado. Nem ao menos sabes as vogais de cor!... Qualquer criança que nunca entrou numa escola... Nunca entrou numa escola... Nunca ouviste dizer: A... E... I... De repente, ela voltou a cabeça para a porta da cozinha: — Espera!, e pôs-se à escuta. Não ouves? — Ergueu-se, ralada: Ai a panela da sopa que tá a ir-se pelo lume — E saiu, aflita: Ó mãe, corra a essa panela! Então, eu não pedi a vossemecê!...

O operário atirou com a *Cartilha*. Mãos nos bolsos das calças, passeou, cá — e — lá, na nesga de sobrado. «Aqui em casa é um inferno! Por mais que um homem queira trabalhar, esta gente!... Besta! Sai à mãe, não haja dúvida!».

Estela, na casa contígua, bramava com a velha. — Pedira-lhe tanto olho na panela e, afinal, a sopa fôra quase por fóra. E rematou:

— Ó senhores, vossemecê tá mesmo parva de todo! Não toma tino de nada. Se falto eu cá em casa, temos sempre sarilho!...

Deu estalos de boca, rosnou monossílabos, fez tinir esmaltes, e voltou ao quarto. Sentou-se no seu *mochô* e, como o companheiro andasse a vaguear pelo compartimento, fê-lo voltar à lição:

— Vamos?...

Abel pegou na *Cartilha*, e passou uma folha, duas, três — mas com uma cara...

Adivinhando-lhe a irritação contida, ela simulou profundo interesse:

— Ora tu perguntaste o nome da última letra, não foi? São cinco: A... E... I... O... U...

O operário, então, espalmou as duas mãos sobre a página, deixando uma só letra (E) visível. E interrogou:

— Como se chama esta?

— Tira as mãos... Eu, assim, não vejo!

— Vês muito bem! Não precisas de ver as outras! Diz-me o nome desta?

— Quantas estão à frente?

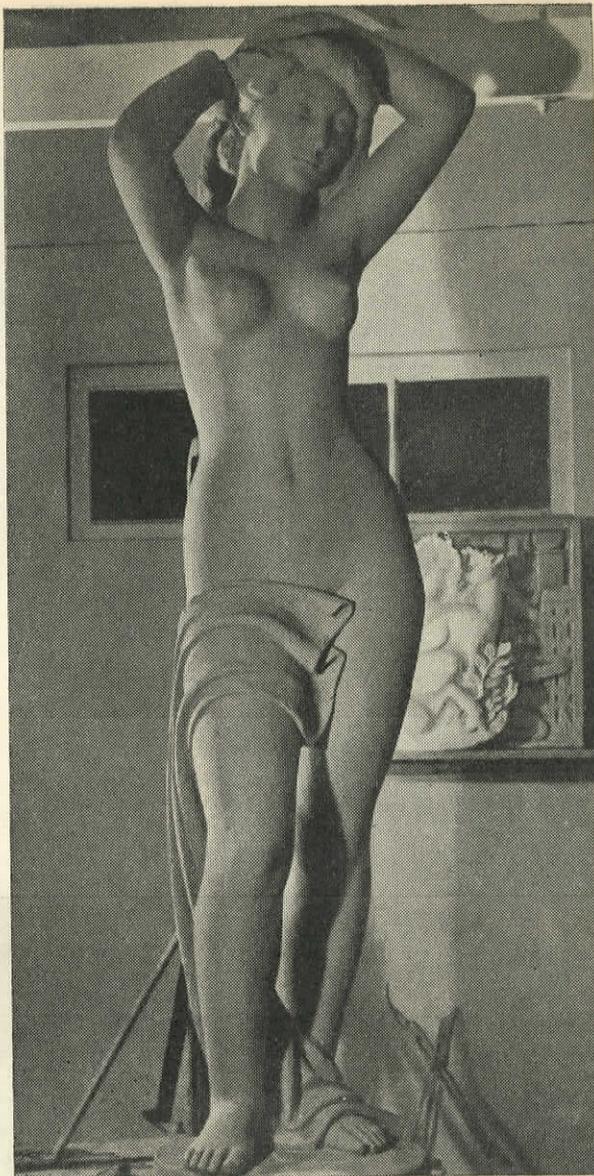
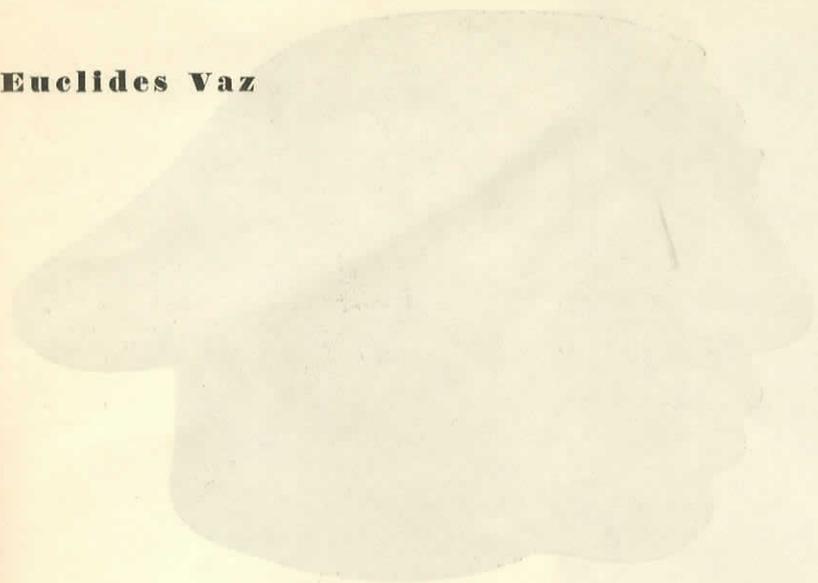
— Ah!, fez ele, triunfante. Pois claro: tu só sabes de cor! Já receando a tempestade que se avizinhava, saiu um queixume:

— Começámos só há bocadinho... Tira as mãos, Abel.

Mas ele continuava com as mãos sobre a *Cartilha Maternal*, porque a sua paciência o abandonara já. Agora era prolongar aquele momento, até surgir um pretexto...

— Que letra é esta, Estela?

Euclides Vaz



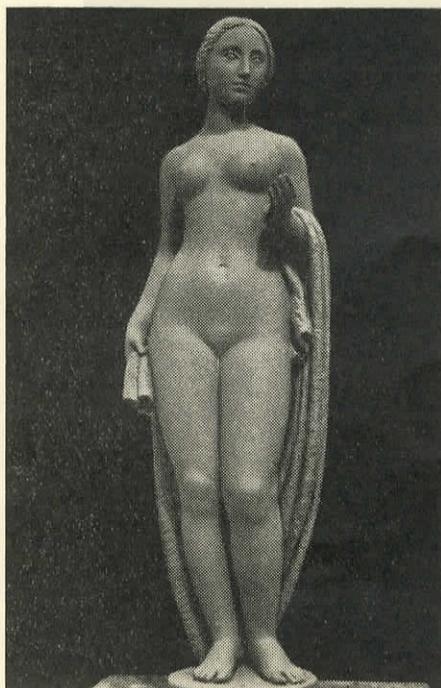
O presente número inclui a colaboração de 3 escultores modernos. Um deles, — António da Rocha — já era nosso colaborador. Os outros dois — Euclides Vaz e Jorge Vieira — pela primeira vez honram a «Arquitectura Portuguesa» com a reprodução de algumas das suas obras.

Este último expoz há poucas semanas um conjunto notável de esculturas e pratos em barro cosido, que foi unânimemente elogiado pela crítica. No próximo número faremos uma notícia mais detalhada acerca desta invulgar exposição.

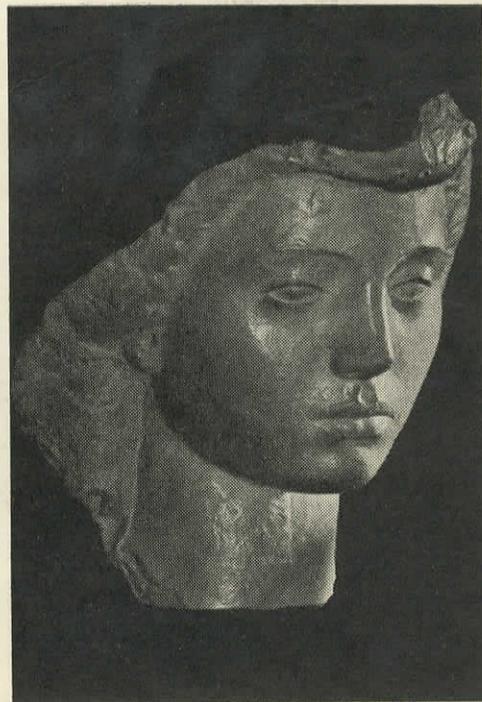
Máscara



Estátua decorativa

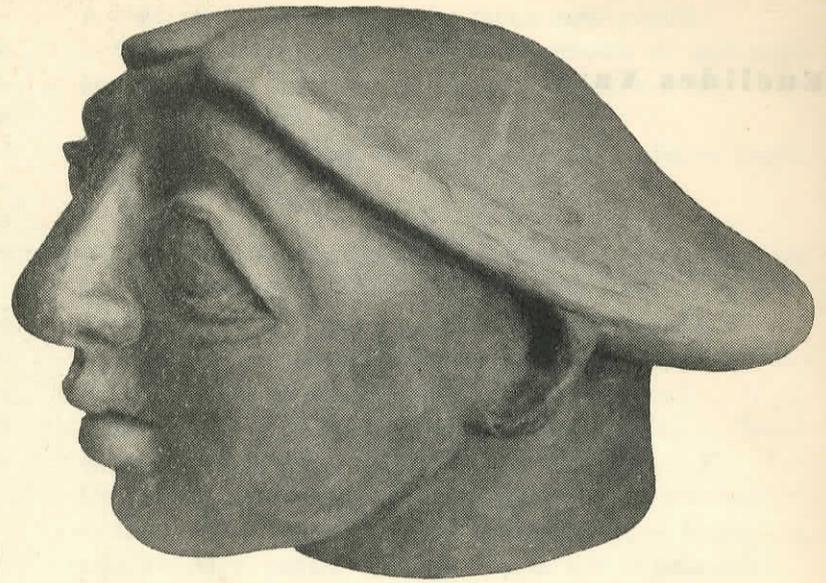


Máscara





Barro cosido



Jorge Vieira



Figura sentada

Mulher com bilha

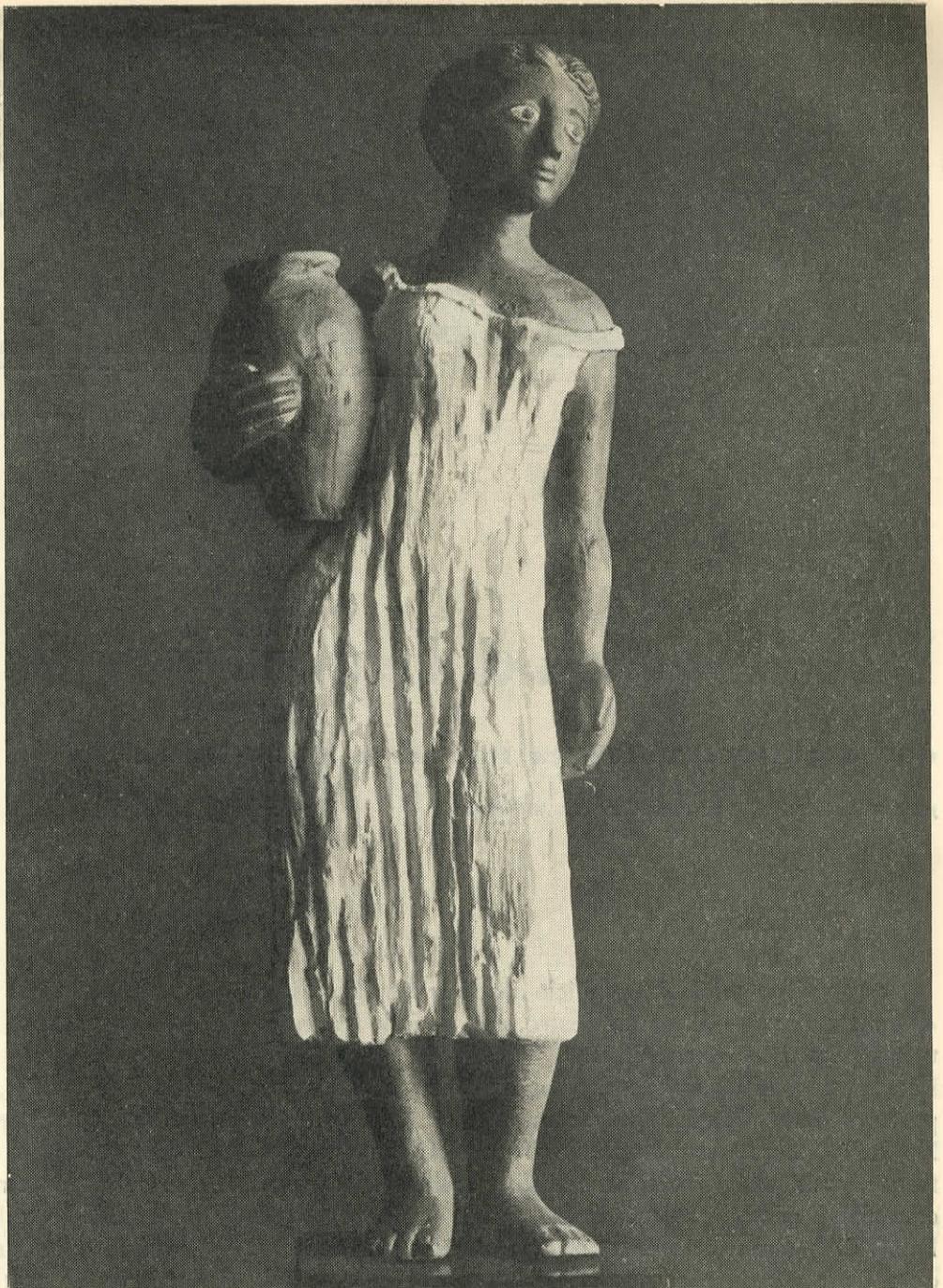
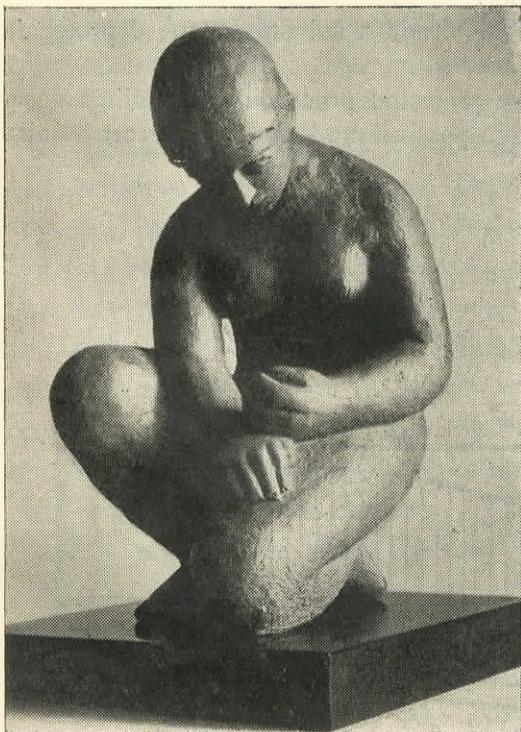


Figura acorçada



Retrato da mãe do autor





Perspectiva

Esboço de um clube recreativo

dos arquitectos Cabeça Padrão e Nuno Belrão

para a Sociedade Filarmónica Capricho Mottense

A composição geral deste edificio divide-se em duas partes distintas: a) — Cinema-Teatro, e b) — Sede (Administração, Cultura e Recreio).

Este estudo foi orientado de maneira tal que estas duas partes possam viver independentes.

No hall (1), que serve exclusivamente o Cinema-Teatro, foi colocada uma bilheteira a utilizar pelos espectadores estranhos à vida da colectividade.

Pelo hall (7) faz-se a entrada principal da sede propriamente dita. Uma escada sob o palco liga a sede com a sala de espectáculos. Ainda deste hall parte uma escada para o piso superior onde foi colocado o salão de baile (6) e os diferentes gabinetes que constituem a parte administrativa, além de uma pequena biblioteca.

Os camarins, colocados ao nível do palco, têm a sua entrada

pela passagem de serviço. Por essa mesma passagem se comunica com a zona de serviço (cozinha, copa e despensas).

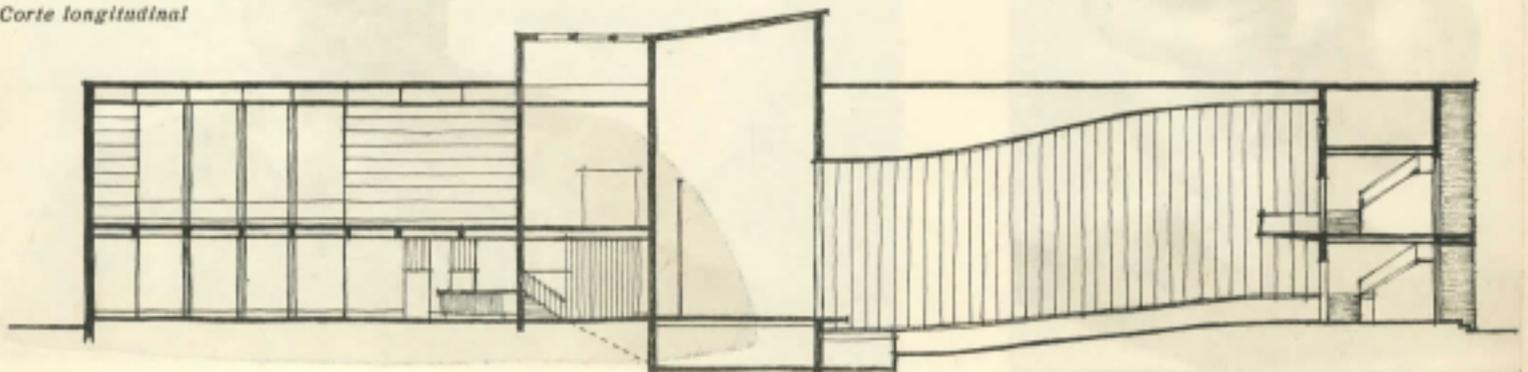
No rés-do-chão, sob o salão de baile, foi colocado o café e o bar, que podem servir para os espectadores do Cinema-Teatro.

A cobertura em fibro-cimento e de uma só água, na parte do salão de baile, tem uma caixa de ar que é ventilada por orifícios devidamente protegidos e colocados nas fachadas principal e posterior.

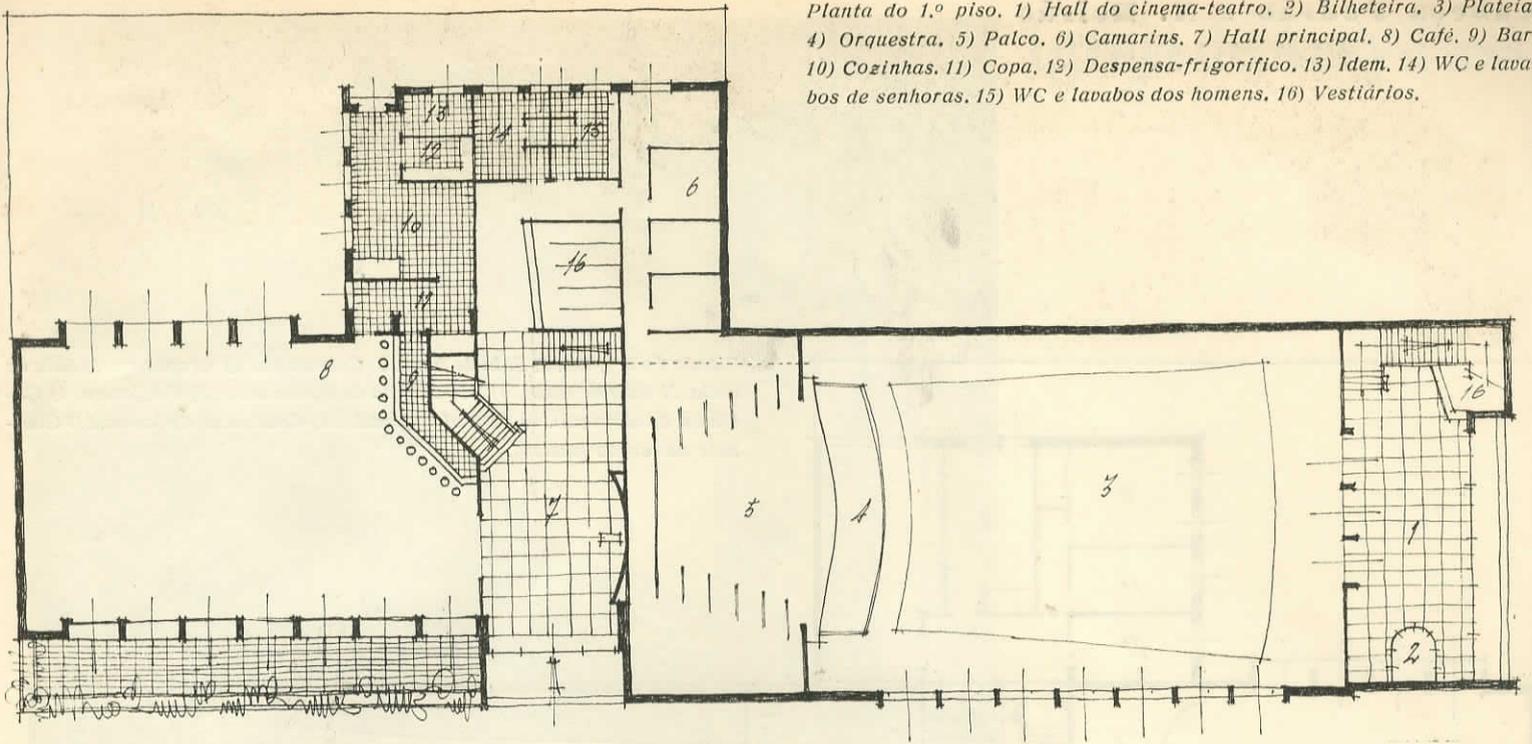
A fachada principal virada a sul sul-poente, é protegida contra a incidência do sol.

Em tudo o que se projectou procurou-se um clima agradável e tanto quanto possível moderno, por parecer o único caminho possível.

Corte longitudinal



Planta do 1.º piso. 1) Hall do cinema-teatro. 2) Bilheteira, 3) Plateia. 4) Orquestra, 5) Palco. 6) Camarins. 7) Hall principal, 8) Café. 9) Bar. 10) Cozinhas. 11) Copa. 12) Despensa-frigorífico. 13) Idem. 14) WC e lavabos de senhoras. 15) WC e lavabos dos homens, 16) Vestiários.



APRESENTA-SE ao leitor o esboço do projecto em elaboração de uma colectividade de recreio. Foi intenção dos autores, dentro de certas possibilidades técnicas, marcar um carácter acentuadamente moderno, procurando uma expressão *plástica* dentro dos nossos dias, que marcasse consequentemente o valor exacto dos materiais empregados, que são principalmente o cimento, o ferro e o vidro. Estes materiais, conquistados nos nossos dias, exprimem por isso mesmo a razão maquinista da nossa época.

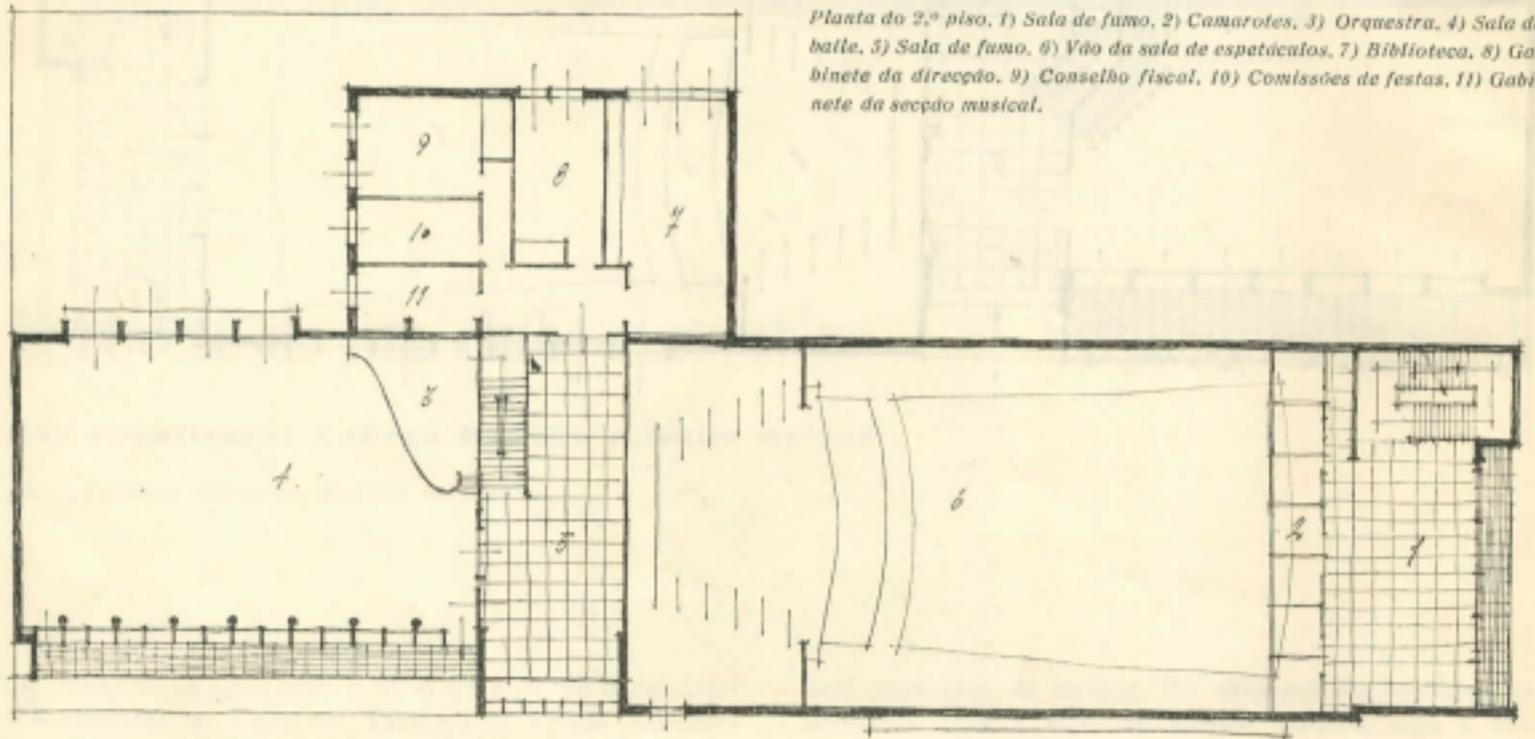
O valor plástico de uma obra é tanto mais certo quanto mais se identifica com o valor humano. Descoberta a máquina no século XVIII, explorada no século XIX, cabe ao nosso século XX identificá-la com êsses valores humanos. Todo um movimento de arte que hoje se consolida, não tem sido mais que o ajuste dêsses valores.

Sabemos que se constroem edifícios cuja estrutura de cimento armado é depois «mascarada» com pedras de fôrro. Sabemos que muitas vezes êsses pilares de estrutura são totalmente revestidos de cantaria perfeitamente aparelhada, a qual é encimada por um capitel, tantas vezes de ordem coríntia formando-se assim imponentes colunatas. Sabemos

que os beirados de telha de canudo muitas vezes ocultam um terraço que fica geralmente 40 cm. abaixo do beirado; o que falta até atingir os 90 cm. convencionados para a guarda, é ocupado por uma linda grade de ferro. Sabemos que o neo-gótico-flamejante simplificado (sic) — o que será isto? —, é por vezes usado em templos que entre nós se constroem; no entanto, é interessante notar que a estrutura dêstes edifícios é totalmente feita em cimento armado. Tudo isto sabemos e até que ponto têm êstes indivíduos a razão do seu lado; a história da arte e sua filosofia que lhes responda.

A falta de respeito pelas outras épocas que estas manifestações neo-gótico-flamejantes-simplificadas representam só os modernos a compreendem. Só os modernos podem perfeitamente amar o antigo; ninguém como êles compreende o seu verdadeiro significado, só êles compreendem quanto está certo consigo próprio o seu valor plástico e humano.

Quantas vezes os paladinos do neo-gótico... etc., etc., argumentam falando no vandalismo das internacionalizações da arquitectura. No entanto, não desdenham andar nos aviões e nos automóveis em que o resto do mundo anda,



Planta do 2.º piso. 1) Sala de fumo, 2) Camarotes, 3) Orquestra, 4) Sala de baile, 5) Sala de fumo, 6) Vão da sala de espetáculos, 7) Biblioteca, 8) Gabinete da direcção, 9) Conselho fiscal, 10) Comissões de festas, 11) Gabinete da secção musical.

aviões e automóveis que em todo o mundo têm as mesmas marcas até. Parece que certos indivíduos entendem a arquitectura como um elemento particular da cultura mundial. Parece que a coisa deve ficar um particularismo folclórico, que sirva às mil maravilhas para ilustrar postais amáveis.

Aceitam (quando aceitam) a cultura geral da Europa, desde o seu aspecto científico até ao modelo de máquinas registadoras; no entanto, quando se trata de arquitectura a coisa toma aspectos escandalosos.

Mas o mais interessante de tudo isto é que esses indivíduos

passam por edifícios neo-clássicos, vivem nêles e não se ofendem; parece que desconhecem que esse «estilo» de arquitectura existe desde o Brasil até à Rússia onde ainda hoje é aplicado em larga escala. Passam férias em Sintra, vêem palácios árabes e adoram a coisa a tal ponto que chegam a aplicar esse precioso estilo em... padarias.

Que o valor plástico da arquitectura de hoje é sensivelmente o mesmo em toda a parte do mundo, é absolutamente verdade; sómente também é verdade que o problema humano (social político etc.) é sensivelmente o mesmo em toda a parte do mundo.

Igreja de Assy-Passy



NA Alta Sabóia, em Assy, pela primeira vez há mais de um século, artistas contemporâneos de «Vanguarda» puderam colocar em comum a diversidade dos seus talentos para a realização de uma igreja do mais alto interesse artístico. Foi ao cónego Devémy que se ficou devendo este belo esforço para o renascimento da arte cristã. Em 1937, encarou a possibilidade da construção de uma igreja para os doentes do planalto de Assy, centro importante de sanatórios e de turismo. O plano dessa igreja foi solicitado ao arquitecto Novarine, a quem se deviam já as lindas igrejas de Vongy e de Fayet, e logo em 1941 a missa pôde começar a ser ali celebrada regularmente.

Construída na alta montanha, esta igreja apresenta os elementos tradicionais da arquitectura saboiana; é uma construção baixa, fortemente cravada no solo e protegida por um telhado de madeira. O vigamento do telhado assenta

em colunas de granito. Os materiais granito e madeira encontram-se com efeito no próprio local. Só a torre sineira, austera e de grande altura, colocada a um dos lados, assinala de longe a presença da igreja. Todos os artistas que trabalharam neste conjunto tiveram uma liberdade absoluta e souberam evitar a monotonia. O visitante é acolhido em primeiro lugar pelo mosaico de Fernand Léger que representa os «atributos místicos da Virgem» e cobre quase toda a fachada. As suas cores deslumbrantes harmonizam-se com a sombra dos pilares e símbolos pedidos às litánias destacam-se ali em preto e branco. Por cima da porta, um grande e pacífico rosto de Virgem de tonalidades suaves. O conjunto ainda se torna mais flagrante quando a neve cobre as montanhas. No interior, Bonnard pintou um São Francisco de Sales valorizado pela arcada de granito verde que o contorna. A igreja possui um belíssimo conjunto de



vitrais. Para as janelas laterais, executou o vidreiro Paul Bony, além dos seus próprios cartões, os de Berçot, Brianchon, padre Couturier, Madame Héber-Stévans e Rouault. O conjunto de Marguerite Huré ornamenta a cripta e o deambulatório; para o púlpito criou Bazaine um «São Gregório», uma «Santa Cecília» e um «Rei David». O rosto misterioso da «Santa Verónica» de Rouault chama e retém a atenção e o seu «Cristo ultrajado», de um carácter profundamente religioso, é notabilíssimo. Uma admirável escultura de Lipchitz «Notre Dame de Liesse» dominará as pias baptismais e Raoul Dufy executará talvez uma decoração da capela da Virgem. Braque compoz para o tabernáculo um baixo-relevo de bronze e o altar de Saint Dominique receberá um mosaico de Matisse. Lurçat realizou para o circuito da capela-mor uma tapeçaria de grande beleza que empresta um intenso calor ao seu aspecto interior. Os três corpos desta tapeçaria serão colocados na ábside semi-circular: ao centro, a Virgem do Apocalipse «A mulher vestida de sol e coroada de estrelas», e, de um outro lado, representações simbólicas da Criação e da Redenção.

Uma certa complexidade arquitectural no interior da igreja pôde permitir esta variedade na decoração. Cada uma destas obras é de uma excepcional qualidade e os grandes artistas que as executaram trataram com respeito e gravidade todos os temas sacros fazendo assim com que deste conjunto nasça uma emocionante impressão de unidade e de harmonia. É interessante aproximar esta igreja do século xx da antiga abadia beneditina de Saint-Michel-de-Cuxa (Pirineus Orientais), hoje abadia cisterciense e que foi construída na segunda metade do século x. Construída também na montanha, apresenta esta o mesmo aspecto achatado, rente ao solo, enquanto a sua torre sineira se ergue audaciosamente sobre quatro andares de vãos arrendados. Os dois perfis são os mesmos. Primitivamente, a abadia era também coberta por um vigamento de madeira, mas foi abobadada e modificada na época gótica. É a única de estilo inteiramente mosarabe actualmente conhecida em França.

Em Saint-Michel-de-Cuxa como em Assy, igreja e abadia apresentam as características de intimidade e de simplicidade das casas das aldeias próximas e só as suas torres indicam que se trata de lugares de prece ou de meditação.

Bibliografia

«Building Science»

Editado por D. Dex Harrison.
George Allen and Unwin, Ltd. — Londres.
IX + 196 pag.; 90 gravuras; preço 21 s.

Composto de trabalhos científicos de mais de uma dezena de especialistas, «Building Science» afigura-se-nos um livro indispensável aos arquitectos e aos engenheiros que projectem com bases científicas.

O elevado nível técnico das suas páginas em que se não perdeu o sentido da aplicação prática, reduzindo elementos teóricos a representações gráficas utilíssimas, a tabelas e a exemplos de ordem de grandeza, tornam este livro um elemento de consulta permanente.

Sintetizando muito do trabalho científico disperso em publicações periódicas, ele facultar-nos além disso uma excelente bibliografia relativa aos diferentes capítulos.

Reproduzimos em seguida o título dos seus artigos:

Architecture: a Bridge between Art and Science	<i>M. Hartland Thomas</i> M. A., F. R. I. B. A.
The Technique of Social Survey	<i>Dennis Chapman</i> B. SC. ECON. (LOND.)
Building Plant	<i>R. M. Wynne-Edwards</i> O. B. E., D. S. O., M. C., M. INST. C. E.
Some Principles of Foundation Behaviour	<i>A. W. Skempton</i> M. SC., A. M. INST. C. E., F. G. S.
Developments in the Design of Timber Structures	<i>Phillip O. Reece</i> A. M. INST. C. E., M. I. STRUCT. E., A. M. INST. M. & CY. E.
Recent Developments in Lightweight Concrete	<i>T. W. Parker</i> M. SC., PH. D., F. R. I. C.
Fundamental Principles of the Weathering of Building Materials	<i>F. L. Brady</i> M. SC., A. R. I. C.
Concrete: its Appearance and Durability	<i>Norman Davey</i> PH. D., F. S. A., M. INST. C. E.

External Rendered Finishes	<i>F. L. Brady</i> M. SC., A. R. I. C.
Basic Conditions for Comfort	<i>T. Bedford</i> D. SC., PH. D., M. I. MIN. E.
An Outline of Heating Systems	<i>A. C. Pallot</i> M. B. E., B. SC. (ENG.), M. INST. C. E., M. I. H. V. E.
Developments in Solid Fuel Appliances for Small Houses	<i>E. A. C. Chamberlain</i> PH. D., D. I. C., B. SC., A. R. C. S., M. INST. F.
Basic Requirements of Lighting	<i>H. C. Weston</i> F. I. E. S.
Artificial Lighting Practice	<i>R. O. Ackerley</i> A. M. I. E. E., F. I. E. S.

«Questions & Answers on Joinery»

— A. E. Bridgwood. 160 pag., 89 gravuras, formato 16 cm. x 11 cm., encadernado. Preço 5 s.

Edição de George Newnes Limited, Tower House, Southampton Street, Strand, W. C. 2.

Este pequeno volume apresenta, de forma concisa, os principais tipos de sambladuras e processos de os realizar usados na construção.

Está dividido em cinco secções que tratam de ferramentas, processos e materiais, portas, janelas, escadas e da resolução gráfica de alguns problemas.

A reconhecida competência do autor, que lecciona no «Royal Technical Colledge», Salford, dá a este pequeno livro um valor prático interessantíssimo nos pormenores da construção.

«Revista Técnica Philips».

Sumário do Tomo X — N.º 4.

— *Receptor de televisão com imagem projectada, I. O sistema óptico de projecção*, por P. M. van Alphen et H. Rinia.

— *Aparelho transportável de Raios X para exames pulmonares em série*, por H. J. Di Giovanni, W. Kes et K. Lowitzsch.

— *A função do revestimento dos electrodos de soldadura*, por J. D. Fast.

— Resumo das recentes publicações científicas.

Esta publicação, com óptimo aspecto gráfico, expõe de maneira simples, mas clara, os princípios fundamentais da organização e funcionamento das instituições de previdência, ao mesmo tempo que esclarece o que são e representam os direitos dos beneficiários. Em todos os seus capítulos, desde os princípios fundamentais aos resultados obtidos, focando os diversos problemas e soluções, conceituando o que é o sistema português de segurança social, o seguro social obrigatório no comércio e indústria, destacando os benefícios e regime financeiro, se nota a preocupação de tornar a leitura acessível a todas as classes de trabalhadores.

Boa edição da D. I. C. I. — Divulgação, Informação e Cooperação Internacional.

«Old Kingdom Art in Ancient Egypt».

Das edições *Alec Tiranti Ltd.*, recebemos mais um volume: «Old Kingdom Art in Ancient Egypt», da autoria de Cyril Aldred.

De óptima apresentação gráfica, esta obra reproduz uma selecção de estátuas e baixos relevos egípcios dos diversos períodos desta civilização, desde 3.200 a 2.300 anos A. C., que fazem parte de colecções existentes na América, Egipto e Europa.

Esta obra, cujo preço é relativamente baixo = 6 s. = compõe-se duma parte de texto, onde o autor examina a Arte do Antigo Egipto, debaixo do ponto de vista estético, e de 71 boas reproduções.

Na cozinha, estoirou reboliço entre a avó e os netos. Os catraios batiam com os pés no sobrado, ensaiavam correias, e a velha bramava: — Olhem a mãe!... Eu vou chamar a vossa mãe lá dentro!

Era de mais: o operário deu um murro no tampo da mesa e ergueu-se do banco, fóra de si:

— És uma burra! Nesta casa não posso fazer nada! Tou farto! Farto desta cambada toda! Estúpida! Analfabeta! A sogra e os dois garotos vieram espreitar à porta do quarto.

Estela retorquiou-lhe, lavada em lágrimas:

— Besta és tu! Vieste assim da rua, e eu é que paguei!

— Vim da rua com o propósito de te ensinar a ler, de te fazer alguém! Mas vocês só nasceram para andar com as mãos pelo chão! Tou farto de te gramar! Não és mulher para viver comigo! — Sacou do capote, atirou-o para os ombros e, a sair, berrou para a sogra: — Fuja da frente, senhora! — E abalou escada a baixo.

A companheira correu à porta, aflita:

— Abel! Abel! Não jantas?

— Que te sirva de bom proveito!, resmungou ele, no último patamar.

A velha abeirou-se da filha e teve palavras de consolo:

— Aquilo passa-lhe... verás! Já o teu pai, com a pinga, era a mesma coisa... Que mania essa de te ensinar a ler...

A ARQUITECTURA PORTUGUESA E CERÂMICA E EDIFICAÇÃO (REUNIDAS)

*Deseja aos seus estimados assis-
nantes, leitores e anunciantes*

BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO